

EXIGENCIAS

1232 RUBEM BRAGA

Mas não senhor, não exijo um palacete para morar, não penso sequer em uma casinha com um quintal onde coubessem — suponhamos — um mamoeiro e um cajueiro. O senhor que é corretor, que vive disso, de vender casas e terrenos, o senhor conhece as terras de Copacabana? Pois saiba que são excelentes terras para o cultivo do cajueiro, uma vez que essa arvore é nativa desta faixa arenosa entre a montanha e o mar. Todos os cronistas antigos dizem isso; hoje todos os cajueiros foram derrubados (dizem que existe ainda um sobrevivente, escondido no fundo de um quintal, entre uma casa e dois predios, na rua Barata Ribeiro, mas eu nunca vi) e substituídos por uma plantação de cimento.

Está bem, eu viverei em um desses cubiculos de cimento. Não, mas terreo não me serve não. Não é que eu não ame a terra, é que o terreo não tem terra, só tem cimento e pedra, e os moradores de cima jogam em nosso minuscuro patio suas baganas, suas cascas de laranja e suas tristezas. Olhe qu enão faço questão de edificio com um apartamento por andar, não, eu não sou, digamos assim, muito seletivo, e moraria com prazer em um "treme-treme" ou em um "sing-sing", ou em qualquer dessas espantosas cabeças de porco de cimento armado que em dois anos envelhecem mais do que uma casa colonial em duzentos. Mas, por favor, não quero que a minha janela dê para uma parede, nem para outra janela. Não senhor, não me entrego a vicios secretos, posso perfeitamente viver às claras e estou disposto a permitir que se proceda a uma devassa completa em minha existencia, para provar que ela não é nada devassa; mas também não quero ser devassado a todo o instante pelo olho do vizinho e,

sobretudo, não quero devassar o vizinho, não quero vê-lo num cubiculo igual ao meu, fazendo os mesmos gestos e dando os mesmos passos, muito possivelmente pensando a mesma coisa, por exemplo: "aquele idota ali defronte ainda está de pijama".

Não ouse exigir uma janela dando para o mar, onde meus olhos e meus sonhos navegassem além. Ah, senhor corretor, eu sou muito pobre, eu não mereço o mar, nem sequer a montanha com arvoredos, quaresmeiras arroxeadas, embaubas de prata — eu não mereço não. Me arranje uma janela que dê para um canto qualquer, um pedaço de rua, mas por favor uma janela alta de onde eu possa ver pelo menos um pedaço de céu. O senhor sabe que eu disponho de muito dinheiro, mas, senhor corretor, vamos entrar num acordo, eu dispense a cozinha, aceite a "kitchenette", aceite esse negocio de quarto e sala conjugados — mas por favor, me arranje mais alguns metros quadrados de céu, que nas tardes de verão eu possa mobiliar com nuvens — duas, três nuvens fluando no azul, duas, três nuvens em que eu possa plantar, senhor corretor, um pé de frutapão, pendurar uma rede nas mangueiras do sonho, erguer um bambual oscilante ou fazer esvoaçar, senhor corretor, a doce, a branca imagem daquela mulher que nunca, nunca, nunca me visitará.

9.2.52